



ABRASCO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE COLETIVA

(<https://www.abrasco.org.br/site/>)



ASSOCIADOS Área restrita


ACESSAR

(<https://associados.abrasco.org.br/associado/login.php>)

NAVEGAÇÃO: Notícias (<https://www.abrasco.org.br/site/categoria/noticias/>) > Especial Coronavírus (<https://www.abrasco.org.br/site/categoria/noticias/especial-coronavirus/>) >

"A cura, a vacina ou o tratamento são para todos ou são para ninguém", aponta Carlos Gadelha (<https://www.abrasco.org.br/site/noticias/a-cura-a-vacina-ou-o-tratamento-sao-para-todos-ou-sao-para-ninguem-aponta-carlos-gadelha/48610/>)

"A cura, a vacina ou o tratamento são para todos ou são para ninguém", aponta Carlos Gadelha

📅 26 de maio de 2020 (<https://www.abrasco.org.br/site/noticias/a-cura-a-vacina-ou-o-tratamento-sao-para-todos-ou-sao-para-ninguem-aponta-carlos-gadelha/48610/>)  Pedro Martins



(<https://www.abrasco.org.br/site/wp-content/uploads/2020/05/Carlos-Gadelha.jpg>)

Investir em saúde é uma forma de investir na economia também. Essa é uma das ideias principais defendidas pelo economista Carlos Grabois Gadelha, que é integrante do Comitê de Ciência e Tecnologia da Abrasco e pesquisador da Fiocruz. Enquanto muitos tentam colocar a ideia de que ou salvamos a saúde, ou salvamos a economia, o economista defende que desenvolver o complexo econômico e industrial da saúde ajudaria nas duas frentes a sociedade brasileira, tendo em vista que geraria emprego e renda, aumentando a qualidade de vida da população.

Na entrevista, Gadelha lembra que o setor da saúde gera 15 milhões de empregos diretos e indiretos e garante 9% do Produto Interno Bruto (PIB). Além do debate econômico, o pesquisador ressalta a importância de retomar a ideia humanistas para construir o futuro: "Temos que retomar a construção de um futuro que una desenvolvimento econômico, social e ambiental".

Confira a entrevista de Carlos Gadelha abaixo:

+ Confira a entrevista de Carlos Gadelha publicada no Uol. (<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/05/22/investir-em-saude-e-saida-para-crise-e-economica-diz-pesquisador.htm>)

Privacidade - Termos

Quais as lições que essa pandemia vai deixar?

Carlos Gadelha: Esse período nos permite uma certa mudança na escala de valores. Perceber que o coletivo não é um acessório. Por ser transmissível, o vírus escancarou essa necessidade. Não podemos dividir a sociedade entre quem tem e quem não tem plano de saúde. A cura, a vacina ou o tratamento são para todos ou são para ninguém. A pandemia está mostrando nossos acertos, como os arranjos nos territórios, a população se ajudando, a importância da saúde da família. Mas está também mostrando nossos erros, nossa estrutura desigual e a nossa fragilidade por precisar de insumos que vêm de longe.

A corrida pela importação de respiradores, que virou até caso de polícia e embate político, é uma mostra disso?

Carlos Gadelha: O Brasil não é um país pequeno, mas age como se fosse: compra tudo de fora e vende produtos básicos como soja e ferro. A falta de respiradores mostra essa falta de visão estratégica. É uma irresponsabilidade. A produção nacional representa 40% da demanda, mas os componentes mais sofisticados desses ventiladores são importados. Nossa dependência é de aproximadamente 80% em relação ao mercado internacional. Nos últimos 20 anos, quintuplicou essa importação. Agora até luvas estão buscando lá fora.

Como diminuir essa dependência?

Carlos Gadelha: Perdemos 2/3 da nossa indústria, mas temos uma base ainda. Temos ciência e tecnologia. O que falta é mudar os óculos para olhar a saúde como investimento e não como despesa. A China é um exemplo que é possível fazer isso. Tanto é que ela pulou de 2% para 16% na participação nas nossas importações de produtos da saúde. Até ultrapassou os Estados Unidos nessa lista. Nós temos o SUS [Sistema Único de Saúde], um direito para 200 milhões de pessoas que gera três milhões de empregos. E temos mais quatro milhões na área, além de oito milhões de empregos indiretos. E isso pode aumentar, afinal, robôs não conseguem substituir médicos e enfermeiros. Agora estamos vendo a importância que tem a palavra cuidado. A saúde é um setor imenso na economia, representa 9% do PIB e pouca gente sabe. Então temos mercado. Só precisamos abandonar uma visão de curto prazo, de olhar só em preço imediato e pensar no preço que estamos e vamos pagar como país com essas decisões.

Mas ultimamente com os cortes do orçamento da saúde, o Brasil não está indo no caminho totalmente contrário?

Carlos Gadelha: Só em 2019, a saúde perdeu R\$ 20 bilhões de seu orçamento, e agora temos que correr atrás. Também está aí o contingenciamento das verbas para a pesquisa e para ciência. Olha, não estou otimista. O debate não está apontando para a solução dos problemas. A discussão está pobre, enviesada, falando só sobre com falsos dilemas: ou mercado ou estado. Tem que ser os dois. Os desafios nacionais puxam a economia. Investir em bem-estar é investir no futuro, na cidadania e na renda das pessoas. Temos que recuperar essa noção.

Você defende o complexo econômico e industrial da saúde como um caminho para o desenvolvimento do Brasil. Acredita que agora a gente está vivendo um momento em que essa alternativa fica mais clara?

Carlos Gadelha: Com certeza. E isso se percebe no vazio da polêmica atual: "vamos priorizar a saúde ou a economia?" Se investirmos no setor da saúde, é uma forma de proteger a coletividade e ter um dinamismo econômico, ao mesmo tempo.

Eu defendo que há quatro frentes para alavancar a economia brasileira: a saúde, a mobilidade, o saneamento básico e a bioeconomia. Mas precisamos de uma política industrial arrojada, não só projetos pilotos. São áreas de potencial no país. Além disso, esse desenvolvimento traria uma vida mais decente nas cidades, melhoraria a sustentabilidade e criaria um ambiente de inovação, articulando governo, empresas, instituições, coletivos e empreendedores sociais. A quarta revolução industrial está aí para isso, e o Brasil não deve perder mais essa oportunidade.

Como vê as discussões sobre o "novo normal" e os cenários pós-pandemia?

Carlos Gadelha: Não podemos nos conformar passivamente com um novo normal excludente e que fragmenta a sociedade. Temos que voltar à perspectiva iluminista de criação de um futuro desejável. A democracia, os sistemas universais de saúde e os direitos sociais nunca foram normais, naturais. Foi a arte, a política e o engenho humano que criaram um normal humanista e voltado ao bem-estar. Temos que retomar a construção de um futuro que uma desenvolvimento econômico, social e ambiental.

Compartilhe isso:

Tweeter

Compartilhar 46

WhatsApp (<https://api.whatsapp.com/send?text=%22A%20cura%2C%20a%20vacina%20ou%20o%20tratamento%20s%C3%A3o%20para%20todos%20ou%20s%C3%A3o%20para%20ningu%C3%A9m%22%2C%20aponta%20Carlos%20cura-a-vacina-ou-o-tratamento-sao-para-todos-ou-sao-para-ninguem-aponta-carlos-gadelha%2F48610%2F>)

Comments

0 comments

0 comentários

Classificar por **Mais antigos**

Adicione um comentário...

[Plugin de comentários do Facebook](#)

■ Especial Coronavírus (<https://www.abrasco.org.br/site/categoria/noticias/especial-coronavirus/>), Notícias (<https://www.abrasco.org.br/site/categoria/noticias/>), Opinião (<https://www.abrasco.org.br/site/categoria/noticias/opiniaio/>) ● Carlos Gadelha (<https://www.abrasco.org.br/site/tag/carlos-gadelha/>), Coronavírus (<https://www.abrasco.org.br/site/tag/coronavirus/>), Covid-19 (<https://www.abrasco.org.br/site/tag/covid-19/>), Saúde e Economia (<https://www.abrasco.org.br/site/tag/saude-e-economia/>)

Deixe uma resposta

Você precisa fazer o login (https://www.abrasco.org.br/site/wp-login.php?redirect_to=https%3A%2F%2Fwww.abrasco.org.br%2Fsite%2Fnoticias%2Fa-cura-a-vacina-ou-o-tratamento-sao-para-todos-ou-sao-para-ninguem-aponta-carlos-gadelha%2F48610%2F) para publicar um comentário.